

Sociedade Amigos da Marinha
SOAMAR – RIO

Presidente Dr SÍlvio Campos

Visita a Tropa de Reforço

13 nov 2013

Prof. Israel Blajberg
2º. Diretor Social

ibljaj@telecom.uff.br



Um programa de visitas de estudo tem levado Soamarinos do Rio a diversos navios e organizações da Marinha. Desta vez a visita foi compacta mas intensiva, quando conhecemos mais de perto os Fuzileiros Navais da Tropa de Reforço, aquartelada na Ilha das Flores, município de São Gonçalo – RJ.

Embarcamos no Cais da Bandeira. A lancha Patesca faz a travessia em uma fração do tempo que seria necessário por via terrestre, haja vista os antigos estudos que previam o transporte de massa na rota Pça XV – Porto da Madama, jamais implementado, e que muito poderia aliviar a Ponte Rio-Niterói.

Logo desembarcamos e somos recebidos pelo Almirante ARMANDO e seus Oficiais. No auditório o Almirante discorre sobre a missão desta tropa multidisciplinar e multitarefa, que apoia a Divisão Anfíbia com um sem número de meios, desde a Companhia de Cães até os blindados, passando pela Cia de Apoio ao Desembarque e a Unidade Médica Expedicionária. Imprescindível suporte logístico, garantindo a mobilidade na faixa de praia. Todos seus integrantes voluntários e profissionais. Emprego na Base

Comte Ferraz, Rio+20, Haiti, manifestações urbanas, Visita do Papa e tantos outros.

O ponto alto da visita são os Carros Lagarta Anfíbios, ou como são identificados, CLAnf 7A1, para desembarque em praias defendidas. As equipes apresentam os diversos tipos de carros e suas características, como transporte de tropa, oficina, reboque. Os veículos estão em bom estado, mas apresentam marcas do desgaste pelo uso intensivo, o que nos faz imaginar quantas missões teriam desempenhado, seja em treinamento por todo este imenso Brasil, de Manaus a Ladário, de Natal a Rio Grande, quantas vidas teriam sido salvas em missões humanitárias? Teriam estado no Haiti? Na Vila Cruzeiro, Alemão?

Segue-se o briefing para os visitantes que irão embarcar nas viaturas, conciso e objetivo, passando uma impressão de profissionalismo, conforme ressaltado na palestra.

Embarcamos e recebemos os coletes salva-vidas e capacetes, que ajustamos com alguma dificuldade, nossas medidas não são exatamente as mesmas dos fuzileiros. Sentimo-nos um pouco como soldados que iniciam o treinamento.

Após sucessivos ajustes estamos prontos. Entendemos que será uma experiência pouco conhecida por civis. Da retaguarda, o Cabo se comunica com o motorista através de um fone de cabeça, acionando o mecanismo de suspensão da porta traseira. O ambiente escurece, apenas uma luz mortiça ilumina o interior. De repente a enorme viatura até então estática adquire vida, com o ronco profundo do motor, chegando-nos leve odor de óleo e da fumaça dispersada pela brisa suave que vem da baía, perpassando nossas narinas e logo desaparecendo enquanto a viatura se movimenta na direção do mar, com as lagartas transmitindo uma trepidação e algo como um bater de ferros para o interior do veículo. Nada parecido com o que havíamos experimentado até hoje. Alguns solavancos e logo estamos navegando em velocidade de cruzeiro, 20 toneladas de aço deslizando pela água em milagre hidrodinâmico.

Não há janelas, estamos abaixo da linha d'água, apenas o motorista e o comandante da viatura situando-se acima da mesma. O ambiente é

confinado mas confortável para as circunstâncias. Há dois bancos compridos ao longo das laterais. O ruído do motor foi superado pelo sopro forte de uma corrente de ar fresco. Com o fechamento da porta traseira o compartimento tornou-se estanque, uma sensação de aconchego que remete a vagas e remotas lembranças do útero materno esquecidas no subconsciente. O nível de ruído é elevado mas não chega a incomodar, logo se transforma em ruído branco constante nos minutos que dura a nossa experiência no ambiente pouco iluminado. Semicerrando os olhos divagamos mentalmente, recordando como tudo começou.

Um dia D. João VI teve que se retirar de Portugal. Não quis dar ao inimigo napoleônico a oportunidade de poder humilhar a Corte. A vinda para o Brasil em 1808 determinou a abertura dos portos as Nações Amigas, e um conjunto de fatos históricos de todos conhecido, que em breve iria transformar a antiga colônia num grande país.

Assim, no bojo das naus que trouxeram D João, chegou também a Brigada Real de Marinha, cuja primeira missão foi punir a França por ter invadido Portugal, com a ocupação de Caiena. Há exatos 205 anos nascia assim a mística do Batalhão Naval, que iria acompanhar os soldados-marinheiros até hoje. Já vai longe o tempo em que dispunham quase que apenas dos seus fuzis. Nos dias de hoje um amplo espectro de materiais e equipamentos permite que os Fuzileiros em ordem de marcha se aprestem como um exército completo e autossuficiente, forças cujos meios vão da Artilharia de Campanha à Antiaérea, da Engenharia às Comunicações, da tradicional Infantaria aos Blindados, enfim, unidades expedicionárias aptas a desencadear operações de desembarque anfíbio a qualquer tempo e em qualquer lugar.

De repente um solavanco interrompe nossas reflexões. O carro desliza novamente de volta a areia da praia. A porta traseira é arriada. Concluímos sem nenhuma baixa nosso “batismo de fogo”. Despedimo-nos da guarnição. Foi como se por breves momentos estivéssemos incorporados às “falanges aguerridas”, qual combatentes anfíbios de verdade. Seguimos para a BFNIF - Base de Fuzileiros Navais da Ilha das Flores, onde almoçamos com o ComTrRef e seus Oficiais, ocasião

aproveitada para profícua troca de ideias, estreitando mais ainda os laços que unem SOAMAR e Marinha do Brasil.

Vai terminando a breve mas agradável e proveitosa convivência. O tempo passou mais depressa do que gostaríamos. Nesta Ilha das Flores, num passado distante existiu a Hospedaria dos Imigrantes, ponto final das viagens intercontinentais nos “vapores”, conduzindo os que trocavam a Europa gelada e sofrida por esta terra tropical abençoada.

Quantos de nossos pais e avós não teriam passado por aqui, onde à entrada da barra, divisando o Cristo no alto da montanha adquiriam a certeza de que seriam recebidos de braços abertos, e entre lágrimas de saudade da família que deixaram em terras distantes, prometiam a si mesmos que doravante tudo fariam para serem bons brasileiros.

Com as viagens internacionais passando a se realizar por via aérea, encerrou-se o grande ciclo das hospedarias de imigrantes no mundo inteiro. Mas em 1967 a hospedaria como que renasceu, sendo ocupada pelos Fuzileiros, também eles descendentes de outros imigrantes de terras distantes, que aqui chegaram em 1808 envergando o uniforme da Brigada Real de Marinha. Nada mais justo portanto que sejam os fuzileiros os guardiões desta fantástica história agora a ser preservada em um Centro de Memória e o museu a céu aberto, o Projeto Memória do Imigrante.

Feitas as despedida, a lancha inicia o retorno ao Rio, afastando-se mansamente do cais. Adeus Ilha das Flores ... Até breve Fuzileiros ... ***“na vanguarda empunhando o fuzil !”***

VIVA A TROPA DE REFORÇO !

VIVA OS FUZILEIROS !

VIVA A MARINHA

VIVA O BRASIL !

ADSUMUS !!!

